

PUNIÇÕES & RECOMPENSAS - CONSEQUÊNCIAS & DISCIPLINA

PATRICK TOMLINSON (2021)

(Traduzido por Maria João Braga da Cruz)



Introdução

Este breve artigo visa fornecer algum alimento (não necessariamente uma cenoura!) para reflexão sobre este assunto interessante e complexo, de tamanha importância e continuamente desafiante. É um dos temas em que é útil refletir regularmente, por muitos anos que tenhamos estado a trabalhar nele.

Comportamento baseado na dor

O comportamento difícil das crianças traumatizadas é frequentemente referido como "acting out" em português "partir para a ação" ou "passar ao ato". A ideia de "passar ao ato" implica a pergunta - o que está a ser atuado? Anglin (2002) utiliza o termo 'comportamento baseado na dor' para descrever o comportamento de "passar ao ato" e os processos internalizantes como a depressão, que são frequentemente o resultado de desencadear esta dor internalizada. Isto ajuda a deslocar o nosso foco para o significado subjacente ao comportamento.

O trabalho com crianças traumatizadas pode ser extremamente desafiante. Pode repercutir-se na nossa história de uma forma que pode conduzir a sentimentos poderosos e, por vezes, a emoções avassaladoras.

Por conseguinte, deve haver um elevado nível de formação e apoio disponível para aqueles que realizam este trabalho qualificado e sensível.

Os elementos centrais de uma resposta útil ao comportamento da criança são,

- Acreditar e validar a experiência da criança
- Tolerar o efeito da criança em nós
- Gerir as nossas próprias emoções

Punição e Recompensas

As crianças traumatizadas estão frequentemente habituadas a ser castigadas e por razões que não conseguem compreender.

Muitas vezes terão sido punidas e tratadas com dureza, de forma arbitrária, com base no estado de espírito do adulto e não no comportamento da criança. Para crianças traumatizadas e que têm sistemas hipersensível de resposta ao stress, as punições são muitas vezes suscetíveis de piorar a situação, aumentando os níveis de stress e reforçando uma visão negativa do mundo como um lugar hostil e impiedoso. Precisamos de modelar qualidades que contestem a visão negativa da criança sobre o mundo, ou, como John Bowlby (1969, 1973) descreveu, o modelo de funcionamento interno da criança. Perry e Szalavitz (2010, p.243) salientam,

A punição não cria nem modela essas qualidades. Embora precisemos de estabelecer limites, se queremos que os nossos filhos se comportem bem, temos de os tratar bem. Uma criança criada com amor quer fazer felizes aqueles que a rodeiam porque vê que a sua felicidade também os faz felizes; não se limita a cumprir para evitar castigos.

A abordagem da "cenoura e do pau" não tende a resultar com jovens que sofreram traumas infantis complexos (Perry e Szalavitz, 2010). Da mesma forma que o castigo é ineficaz, também um sistema baseado em recompensas o é. Ambos são uma tentativa de manipular a criança para que seja cumpridora e se comporte 'bem'. A questão chave aqui é a manipulação. Existe o risco de reforçar ainda mais as defesas da criança e de não se preocupar com os outros, pondo o foco na obtenção de uma recompensa ou evitando a dor do castigo. Uma criança cujo desenvolvimento tenha sido perturbado por um trauma ou experiências adversas e sinta pouca preocupação com os outros será melhor ajudada se, em primeiro lugar, sentir os cuidados e o amor dos outros. Depois, através do desenvolvimento de uma relação significativa, a criança começa a preocupar-se em não ferir um 'outro' valorizado. Donald Winnicott (1963) referiu-se

a isto como o "desenvolvimento da capacidade de preocupação". Trata-se de uma das conquistas fundamentais do desenvolvimento.

A Comissão para as Crianças e Jovens (2012, p.12) defende que as abordagens comportamentais que se baseiam em sistemas de recompensa e castigo tendem a ser ineficazes,

As técnicas comportamentais podem alcançar um grau de mudança nos comportamentos das crianças, mas sem se envolverem no conteúdo emocional subjacente ao comportamento, estas mudanças não corresponderão, em última análise, a transformações nos modelos internos de funcionamento da criança nem as ajudarão a alcançar a reparação psicológica (Forbes e Post, 2007). Forbes e Post (2007) mantêm que estas técnicas transmitem inadvertidamente às crianças que os sentimentos por detrás do seu comportamento não são válidos ou perceptíveis/ compreensíveis aos outros.

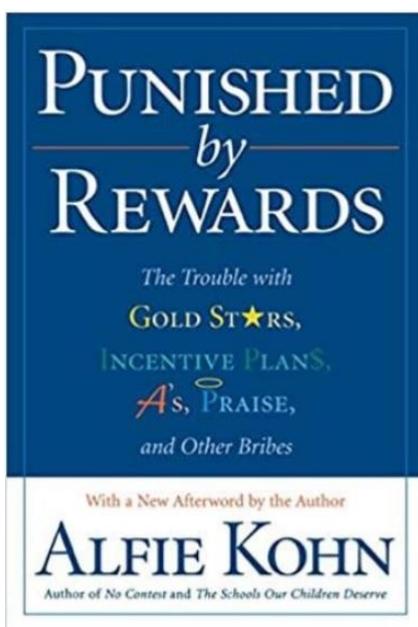
Perry e Szalavitz, (2006, p.244) fazem uma observação semelhante,

As crianças traumatizadas tendem a ter respostas excessivamente reativas e, como já vimos, estas podem torná-las agressivas, impulsivas e carentes. Estas crianças são difíceis, são fáceis de perturbar e difíceis de acalmar, podem reagir exageradamente à mais pequena novidade ou mudança e muitas vezes não sabem como pensar antes de agir. Antes de poderem fazer qualquer tipo de mudança duradoura no seu comportamento, precisam de se sentir seguras e amadas. Infelizmente, porém, muitos dos programas de tratamento e de outras intervenções que lhes são destinadas, entendem-no ao contrário:

adotam uma abordagem punitiva e esperam aliciar as crianças para um bom comportamento, restabelecendo o amor e a segurança somente se as crianças começarem a agir "melhor". Embora tais abordagens possam ameaçar temporariamente as crianças para que façam o que os adultos querem, não podem fornecer a motivação interna a longo prazo que, em última análise, as ajudará a controlarem-se melhor e a tornarem-se mais afetuosas para com os outros.

À medida que as crianças amadurecem, necessitam de mais espaço para serem autónomas e para fazerem as suas próprias escolhas. As crianças são sobretudo motivadas por sentirem que estão a fazer algo porque o querem fazer, e não porque estão a ser manipuladas para o fazer.

Alfie Kohn (1993) no seu livro apropriadamente intitulado *"Punido por Recompensas": O Problema das Estrelas de Ouro, Planos de Incentivo, A's, Elogios, e Outros Subornos"*, referiu-se a numerosos estudos em que os sistemas de punição e recompensa, ou mesmo a justa recompensa reduziram a motivação e o desempenho. Por exemplo, crianças a quem foi dado um doce como recompensa por se ter saído bem num teste pioraram no teste seguinte, em comparação com aqueles a quem não foi dado um doce. A mera sugestão de que a criança tem um motivo extrínseco que não o valor intrínseco no tema pode reduzir o seu interesse. Resumindo a mensagem chave do seu livro Kohn (1994),



"Nunca poderemos atingir os nossos objetivos a longo prazo fazendo coisas pelos estudantes, apenas trabalhando com eles. Recompensas, como punições, são formas de fazer as coisas pelas pessoas. E nessa medida nunca poderão ajudá-las a assumir a responsabilidade pelo seu próprio comportamento, a desenvolver um sentido de si próprias como pessoas atenciosas, a trabalhar o mais criativamente possível ou a tornarem-se aprendizes entusiasmados para o resto das suas vidas. As recompensas, tal como as punições, minam ativamente esses objetivos".

Isto não significa que os adultos não devam ser claros e firmes sobre as suas expectativas em relação ao comportamento da criança, mas dentro disso, a criança precisa de espaço para resolver as coisas por si própria. Cuidadores e outros adultos que são calorosos e proporcionam expectativas claras e consistentes sobre o comportamento das crianças, também encorajam o desenvolvimento da consciência precoce (Eisenberg e Murphy, 1995; Kochanska, 1991, 1993, 1995). A modelação de papéis pró-sociais desempenha um papel crucial para mostrar à criança um comportamento moralmente responsável.

Reparação

Como já foi dito, é útil ter expectativas claras sobre o que é um comportamento aceitável e o que não é. Quando uma criança ultrapassa uma linha, podemos ajudá-los a pensar sobre isso e encontrar formas de corrigir as coisas. Fazer reparações por algo doloroso ou nocivo que tenham feito, proporciona-lhes a experiência vital para o desenvolvimento de contribuir e corrigir (Dockar-Drysdale, 1953, Winnicott, 1963).

Muitas crianças acreditam que os erros que cometem, ou o seu comportamento negativo, têm consequências catastróficas e duradouras. Aprenderam isto através da experiência. Uma

pequena transgressão pode ter resultado numa resposta severamente punitiva ou abusiva por parte de um cuidador. Em alguns casos, um comportamento difícil pode ter sido seguido por uma mudança importante, como por exemplo, ser retirado à família. A criança acredita frequentemente que é 'má' e responsável por tudo o que acontece.

A capacidade de fazer reparações em vez de ser punida também exige que a criança tenha algum grau de empatia e preocupação pelos outros. Para as crianças que são tão emocionalmente subdesenvolvidas, pode levar bastante tempo até que o possam fazer. Para mostrar preocupação e cuidar dos outros, em primeiro lugar, precisam de ter a experiência de serem cuidados. Podemos também encorajar o desenvolvimento da empatia discutindo com a criança, o seu comportamento e como este pode fazer sentir os outros. Perry e Szalavitz (2010, p.313) sugerem,

Encorajar a empatia, a disciplina pelo raciocínio, a tomada de perspectiva, a consistência das consequências apropriadas e, acima de tudo, o amor.

Continuam (p.314),

Se ensinar as crianças a comportarem-se usando a razão, será mais provável que estas se tornem razoáveis.

Dockar-Drysdale (1953, p.7) argumentou no seu artigo, "Alguns Aspectos do Dano e Restituição", que uma abordagem punitiva pode mesmo prejudicar o potencial da criança para desenvolver uma capacidade de preocupação para com os outros,

Sugiro que a punição não só antecipa como dificulta e provavelmente bloqueia o processo natural de reparação, impedindo assim o processo posterior pelo qual a criança pode dirigir para canais construtivos os sentimentos hostis que levaram à culpa e à necessidade de fazer a reposição.

As crianças traumatizadas estão familiarizadas com serem castigadas, humilhadas e magoadas. Castigar uma criança destas, é suscetível de desencadear na sua memória estas experiências, causando-lhe raiva e ressentimento para com quem quer que seja que o esteja a castigar. Um adulto competente precisa de adotar uma abordagem sem juízos de valor. Esta abordagem é mais centrada no trabalho de modificação do comportamento pró-social, em vez de culpar a pessoa. A isto tem-se chamado, "desafiar o comportamento, não a pessoa" (Barton, Gonzalez e Tomlinson, 2011). Ajuda mais transmitir a mensagem de que é o comportamento que consideramos inaceitável, e não a pessoa.

Consequências do Comportamento - Positivas e Negativas

No entanto, as crianças devem ser ajudadas a compreender que pode haver consequências positivas e negativas do seu comportamento. Precisamos de as ajudar a compreender as consequências positivas do seu comportamento, tanto quanto, se não mesmo ainda mais do que as consequências negativas. Isto porque está muito claro para estas crianças que podem fazer coisas dolorosas e destrutivas, mas muitas vezes não fazem ideia de que podem fazer coisas que dão prazer e fazem os outros sentir-se bem. Muitas vezes sentem que são insignificantes para os outros e a única forma de poderem ter impacto e ter algum significado é sendo desafiantes. Como Perry (2016) disse, precisamos de ajudar as crianças a sentirem o valor intrínseco nas relações.



Os sistemas de recompensa e castigo minam frequentemente a ideia de que uma criança pode estar interessada no que outro pensa ou sente sobre ele ou ela. A chave para um crescimento saudável não se baseia no medo ou no ganho material, mas em desenvolver um sentido de cuidado e preocupação pelos outros no contexto de relações com significado. Referindo-se aos sistemas de pontos, por vezes utilizados para induzir as crianças a mudarem o seu comportamento, Perry (2016) argumentou que, ironicamente, muitas vezes estes falham no essencial, especialmente no trabalho com crianças e jovens que não estão

emocionalmente regulados. Em vez disso, ele afirmou que,

"As interações humanas positivas são a recompensa mais positiva que podemos experimentar".

Consequências naturais

Por vezes precisamos de ajudar uma criança a compreender algo sobre as consequências negativas do seu comportamento e de fazer algo, se possível, para o corrigir. Quanto mais natural ou 'lógica' for a consequência para o comportamento, maior é a probabilidade de fazer sentido para a criança. Por exemplo, se a criança danificou algo em casa, ajudar a consertá-lo é mais relevante do que ter de ir para a cama cedo. Ajudar a consertar algo que tenha sido quebrado pode ser entendido como uma consequência natural. No entanto, Kohn (1995) avisa-

nos como é fácil para a utilização das consequências deslizar para uma forma disfarçada de castigo,

Algumas pessoas parecem pensar que se lhes chamarmos "consequências" ou se inserirmos o modificador "lógico", então está tudo bem. "Consequências lógicas" é um exemplo do que eu chamo de "castigo light", uma forma mais amável e gentil de fazer coisas às crianças em vez de trabalhar com elas.

No entanto, usadas de forma útil, as consequências em vez do castigo, podem ser vistas como uma forma de disciplina, mostrando e ensinando as crianças a comportarem-se, proporcionando um clima de respeito mútuo, onde os problemas são vistos como oportunidades de aprendizagem e crescimento. As crianças são apoiadas para aprenderem com os seus erros através de consequências naturais e lógicas. A autodisciplina tem mais possibilidade de crescer a partir daí. Redshaw et al. (2012, p.44) descrevem as diferenças entre disciplina e punição,

Qualidades da Disciplina

- Ensinar
- Um clima de respeito mútuo
- Os problemas são oportunidades
- Planeamento preventivo – uma atenção e um enfoque proactivo na prevenção de problemas
- Consequências naturais/lógicas, discutidas com as crianças
- Razões para os standards
- Exige responsabilidade
- Ensina valores de cuidado, controlo por valores interiores
- Adultos como orientadores e mentores

De acordo com Laursen (2003), um dos principais objetivos da disciplina é o de

... proporcionar um ambiente seguro e consistente onde as crianças possam aprender regras razoáveis, limites e consequências, bem como as razões para os mesmos.

Qualidades de Punição

- Infligir dor, penalizar, causar perda, sofrimento, tratar de uma forma áspera e severa
- Deve respeitar os que estão no poder

- Os problemas requerem punição
- Resposta reativa
- Consequências arbitrárias, inconsistentes
- Fá-lo porque eu o disse
- Exige obediência
- Ensina o cumprimento das regras
- Adultos como governantes
- Controlado por execução externa

A Necessidade de nos Gerirmos a Nós Próprios

No trabalho com crianças traumatizadas (como na parentalidade) pode, por vezes, haver uma sensação de se estar sem saber o que fazer. Quando isto se mistura com emoções fortes, tais como zanga, raiva, ansiedade, medo, pode haver uma reação para se fazer algo e sentir-se em controlo. Por muitas razões, incluindo a experiência da nossa própria infância, podemos sentir-nos legitimados em castigar a criança. Podemos sentir que temos tem de fazer algo para criar uma mudança positiva. O conceito de castigo e recompensa pode ser sedutor nestes momentos. Uma ação punitiva pode proporcionar algum alívio para o adulto e dar uma impressão de fazer a diferença, por mais curto que seja o seu tempo de vida.

Para além de considerarmos os assuntos discutidos neste artigo centrados na criança, precisamos também de assegurar que existem formas de os adultos envolvidos processarem os seus sentimentos, de se sentirem apoiados, e de serem capazes de dar um passo atrás. Tal como nas histórias das crianças, é provável que as respostas mais punitivas e inúteis ocorram quando os adultos estão "no limite da tensão da sua corda".

References

Anglin, J. (2002) Pain, Normality, and the Struggle for Congruence: Reinterpreting Residential Care for Children and Youth, New York: The Haworth Press Inc.

Barton, S., Gonzalez, R. and Tomlinson, P. (2011) Therapeutic Residential Care for Children and Young People: An Attachment and Trauma-informed Model for Practice, Jessica Kingsley Publishers

Bowlby, J. (1969) Attachment, Attachment and Loss Series. vol. 1. Harmondsworth: Penguin

Bowlby, J. (1973) Attachment and Loss, Volume 2: Separation, New York: Basic Books
Commission for Children and Young People and Child Guardian (2012) Views of Young People in Residential Care Survey - Responding to Trauma and Attachment Needs in Residential Care: What Young People's Perceptions Tell us About how Well we're Doing, Brisbane, Queensland

Dockar-Drysdale, B. (1953) Some Aspects of Damage and Restitution, in Dockar-Drysdale. B., Therapy and Consultation in Child Care (1993), London: Free Association Books

Eisenberg, N., and Murphy, B. (1995) Parenting and children's moral development, 227-257 in Bornstein, M. H. (ed.) Handbook of Parenting, Volume 4: Applied and practical parenting, Mahwah, NJ: Erlbaum

Forbes, H. and Post, B. B. (2007) Parenting Beyond Consequences, Logic, and Control: A Lovebased Approach to Helping Attachment Challenged Children with Severe Behaviours: Volume 1, Orlando, FL: Beyond Consequences Institute. Retrieved 10 January, 2012, from <http://www.beyond-consequences.com>

Kohn, A. (1993) Punished by Rewards: The Trouble with Gold Stars, Incentive Plans, A's, Praise, and Other Bribes, Boston: Houghton Mifflin Kohn, A. (1994) The Case Against Rewards and Praise: A Conversation with Alfie

Kohn by SaraEllen Amster, in, Harvard Education Letter, Volume 10, Number 2, March/April 1994, Harvard Graduate School of Education, https://www.hepg.org/hel-home/issues/10_2/helarticle/the-case-against-rewards-and-praise

Kohn, A. (1995) Punished by Rewards? A Conversation with Alfie Kohn, by Ron Brandt, in, Educational Leadership, Volume 53 Number 1 September 1995, <https://www.alfiekohn.org/article/punished-rewards-article/>

Kochanska, G. (1991) Socialization and Temperament in the Development of Guilt and Conscience, in Child Development 62:1379-1392.

Kochanska, G. (1993) Toward a Synthesis of Parental Socialization and Child Temperament in Early Development of Conscience, in Child Development 64:325-347

Kochanska, G. (1995) Children's Temperament, Mothers' Discipline, and Security of Attachment: Multiple Pathways to Emerging Internalization, in *Child Development* 66:597-615

Laursen, E. (2003) Principle-centered Discipline, in *Reclaiming Children and Youth* 12(2): 78-82

Perry, B.D. and Szalavitz, M. (2006) *The Boy who was Raised as a Dog: And Other Stories from a Child Psychiatrist's Notebook*, New York: Basic Books

Perry, B.D. and Szalavitz, M. (2010) *Born for Love: Why Empathy is Essential and Endangered*, New York: HarperCollins
Perry, B. (2016) *Child Trauma and Neglect*, Conference, Tralee, Ireland, 30th September

Redshaw, S. et al. (2012) *The Therapeutic Residential Care Program: Practice Paper*, Mercy Family Services: Queensland, Australia

Winnicott, D.W. (1963) *The Development of the Capacity for Concern*, in, *The Maturational Processes and the Facilitating Environment*, London and New York: Karnac Books (1990)